

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte

Journal do Brasil

Class.:

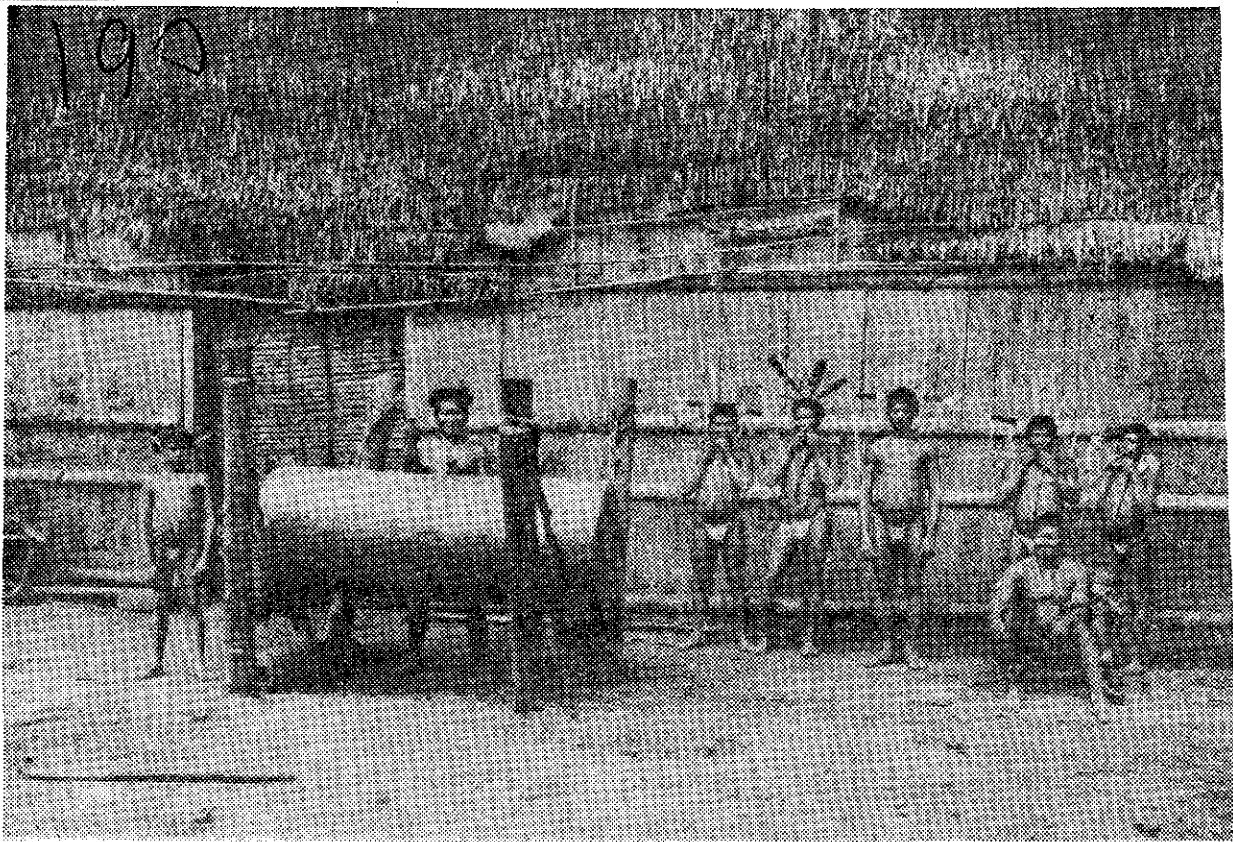
NO ANA. geral

Data

24.03.85

Pg.:

22



Tucanos preparados para um cerimonial religioso, em foto de Koch Grunberg, 1923

Museu Britânico tenta resgatar a memória dos índios tucanos

Londres — Uma lenda dos índios tucanos, na fronteira do Brasil com a Colômbia, diz que os primeiros homens foram mandados à Terra pelo Pai-Sol. Eles viajaram numa imensa canoa em forma de jibóia e se dispersaram pelos rios da Amazônia para povoar o planeta.

Não são muitos os que hoje restam. Para reconstituir o que se sabe deles, o British Museum abriu neste fim de semana uma enorme exposição, **Os Povos Escondidos da Amazônia**. A mostra no Museu da Humanidade, atrás do Piccadilly, tem um ar de denúncia e nostalgia ao mesmo tempo.

Apenas história

— Muito do que essa exposição está mostrando e estamos descrevendo já virou apenas história — diz um dos organizadores, Stephen Hugh-Jones, professor de Antropologia Social no King's College, em Cambridge. — Desde a primeira vez que um europeu pôs os pés na América do Sul a floresta tropical sofreu modificações e distúrbios. As tribos que restaram estão ameaçadas.

Embora as denúncias de matanças de índios no Brasil tenham sido comuns na imprensa europeia nos anos 70, a exposição no Museu da Humanidade nada tem a ver com proselitismo político e jamais chega a ser panfletária, embora bastante contundente. A mensagem nas entrelinhas é clara: as últimas culturas indígenas na Amazônia estão praticamente condenadas. Resta aos museus conservá-las.

O extraordinário esforço do Museu Inglês começa pela tentativa de trazer para dentro de um prédio no centro de Londres uma densa floresta tropical.

Uma parte do velho edifício foi reformada apenas para a instalação de um novo sistema de aquecimento, destinado a criar uma atmosfera pesada, quente e úmida.

O jacaré empalhado

Logo na entrada, o visitante é surpreendido com a reconstituição de uma praia na beira de um rio (claro, não faltou o jacaré empalhado, embora as araras tenham sido poupadas), procurando seu caminho entre "árvores" e pisando na massa mole de "folhas". Uma fita sonora reproduzindo os barulhos da selva tropical mostra que eles são bem diferentes da trilha sonora de filmes de Tarzan, por exemplo.

A intenção de seduzir o visitante pelos seus sentidos, contudo, termina logo aí. A exposição devota sua inteira preocupação com a reconstrução do cotidiano das principais tribos na vasta região situada entre o Brasil, a Colômbia, a Venezuela e a Guiana. Neste sentido, o esforço mais notável é o da completa remontagem de uma maloca usada por até 150 integrantes da tribo dos tucanos.

Dentro dessa enorme casa comunal está a mais completa coleção europeia de material indígena tropical da América do Sul. Algumas das peças foram recolhidas por expedições na metade do último século. Ela poupa ao visitante a penosa tarefa de comparar ponta de flecha com ponta de flecha (coisa que estudantes de antropologia também detestam). Ao invés disso, pretende mostrar como a maloca, através de sua arquitetura, localização geográfica e distribuição de espaço — cenário da vida doméstica e de cerimô-

nias religiosas, ao mesmo tempo — é o mundo em uma casa e sua relação com a ordem cósmica.

Rituais de iniciação

Stephen Hugh-Jones é o responsável especialmente por essa segunda parte da exposição. Ele se tornou uma figura popular nos meios científicos europeus depois da experiência, dividida com sua mulher, de viver por 22 meses com índios barasanas, na Amazônia. Ao contrário de missionários, eles tentaram ser aceitos pela comunidade e participar de todas as suas atividades. Stephen se submeteu aos rituais de iniciação da tribo.

Mais de um decênio após sua experiência, Stephen está lutando para salvar "um continente que desaparece", conforme ele disse ao *The Times*:

— Quando a floresta desaparece, como acontece em ritmo rápido hoje, também os conhecimentos e habilidades das tribos vão sumindo.

Entre elas está a identificação e o uso de plantas. A extensão desse conhecimento por parte dos indígenas é considerada enciclopédica por naturalistas europeus — maior mesmo que a de versados acadêmicos.

Não há, porém, nenhuma tentativa ambiciosa de alimentar o visitante com explicações demasiadamente amplas. Quem quiser, compra o livro com o mesmo nome da exposição, cheio de desenhos, fotos, diagramas e 100 páginas de ensaios sobre indígenas na Amazônia.